

A Inteligência Artificial que não responde e por isso ensina – Por José Paulo Santos

written by José Paulo Santos | 21 de Outubro, 2025

OCIDADÃO
Jornalismo Livre

CRÓNICA
José Paulo Santos



Imaginemos um aluno, digamos o João, debruçado sobre o ecrã do seu telemóvel, a perguntar à IA:

– Por que é que uma supernova explode?

Se a IA fosse como tantos adultos apressados – ou como certos manuais escolares – responder-lhe-ia logo, em letras gordas e sem rodeios: “Porque a estrela esgota o combustível nuclear e colapsa sob a sua própria gravidade, provocando uma explosão cataclísmica.” Pronto. O João copia, cola, entrega, e todos ficam contentes. Menos o João, que continua sem perceber porquê. E menos ainda a ciência, que não se alimenta de

respostas decoradas, mas de perguntas bem feitas.

Mas e se a IA, em vez de dar a resposta, dissesse:

– O que achas tu? O que acontece quando uma estrela deixa de produzir energia?

Ah, agora o João tem de pensar. Talvez hesite. Talvez erre. Mas, ao fazê-lo, põe em marcha o seu próprio cérebro – esse órgão tão subutilizado nas aulas onde tudo é dado, mastigado e engolido sem sabor.

É aqui que entra o método socrático, essa arte antiga – quase esquecida – de ensinar não dizendo, mas perguntando. Sócrates não escrevia livros; andava pelas praças de Atenas a fazer perguntas incómodas, até que os seus interlocutores, entre suspiros e suores, “davam à luz” as suas próprias ideias. Chamava a isso maiêutica: a arte de ajudar os outros a parir o conhecimento que já traziam dentro de si.

Hoje, Salman Khan – o fundador da Khan Academy – propõe algo surpreendente: que a inteligência artificial possa ser a nova parteira do pensamento. Não uma deusa oracular que despeja verdades do alto, mas um companheiro curioso, que insiste: “*Explica-me isso melhor*”, “*E se for ao contrário?*”, “*Como chegaste a essa conclusão?*”.

Claro que há quem tema esta abordagem. “*Mas se a IA não dá a resposta, para que serve?*”, perguntam alguns, habituados a soluções instantâneas como se o saber fosse um takeaway. Outros receiam que os alunos, ao serem obrigados a pensar, sofram – como se o esforço intelectual fosse uma forma de tortura medieval, e não a única via para a verdadeira aprendizagem.

Mas a ironia é esta: a IA só será perigosa na educação se fizer o trabalho por nós. Se nos poupar ao desconforto de errar, de duvidar, de tentar de novo. O verdadeiro risco não está na tecnologia, mas na preguiça pedagógica – nossa, dos professores, dos sistemas que preferem medir o saber em testes

de múltipla escolha do que em raciocínios vivos.

Por isso, celebremos as IAs que não respondem, mas desafiam. Que não substituem o professor, mas libertam o professor para ser mais professor – para escutar, inspirar, corrigir com humanidade. Que não dão peixe, mas ensinam a pescar... e ainda por cima perguntam: *“Como respira o peixe na água?”*

No fundo, o que a IA socrática nos oferece não é um atalho, mas um convite: o convite a pensar por nós mesmos. E, nesse sentido, talvez seja a máquina mais humana que alguma vez inventámos.